



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Psicologia – IP
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED
Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde – PGPDS

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO,
EDUCAÇÃO E INCLUSÃO ESCOLAR – UnB/UAB**

**A ATUAÇÃO DA PSICOLOGIA NA INCLUSÃO DE UMA CRIANÇA
COM SÍNDROME DE DOWN**

MARTANERES LOPES GONDIM SILVA

ORIENTADORA: Prof^ª Dr^ª. JULIANA EUGÊNIA CAIXETA

BRASÍLIA/2015



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Psicologia – IP
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED
Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde – PGPDS

MARTANERES LOPES GONDIM SILVA

**A ATUAÇÃO DA PSICOLOGIA NA INCLUSÃO DE UMA CRIANÇA
COM SÍNDROME DE DOWN**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em
Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, do
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento
Humano – PED/IP – UnB/UAB.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Juliana Eugênia Caixeta

BRASÍLIA/2015

TERMO DE APROVAÇÃO

MARTANERES LOPES GONDIM SILVA

A ATUAÇÃO DA PSICOLOGIA NA INCLUSÃO DE UMA CRIANÇA COM SÍNDROME DE DOWN

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar – UnB/UAB. Apresentação ocorrida em 21/11/2015.

Aprovada pela banca formada pelos professores:

Prof^a Dr^a JULIANA EUGÊNIA CAIXETA (Orientadora)

MARIA DO AMPARO SOUSA (Examinadora)

MARTANERES LOPES GONDIM SILVA (Cursista)

BRASÍLIA/2015

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por permitir a concretização de mais uma etapa profissional.

Aos meus familiares, pai (*in memória*); mãe, irmã e irmão e cunhado.

Ao meu marido, companheiro, amigo e amado, Alisson Roberto, que apoiou essa minha jornada de estudo e ausência, sabendo entender os momentos de construção.

Às queridas amigas e tutoras Roberta Assunção e Elisângela. E Tales, principalmente, o meu novo amigo, o meu muito obrigada.

Aos demais professores do curso obrigada pela oportunidade de aprendizagem.

A minha orientadora, Juliana Caixeta, uma pessoa de grande sensibilidade e competência, não tenho palavras para descrevê-la tão querida quanto agradável.

Aos profissionais da escola que, gentilmente, colaboraram com a participação na pesquisa.

Ao Breno e sua mãe, a professora da sala regular e a psicóloga meu muito obrigada.

RESUMO

A educação inclusiva no Distrito Federal-DF é assegurada por meio de políticas públicas, que visam garantir desde a matrícula escolar até o devido acompanhamento daqueles alunos que apresentam algum tipo de deficiência e/ou altas habilidades. Esse tipo de atendimento é fundamentado por uma perspectiva interdisciplinar, pois o intuito é possibilitar uma aprendizagem de qualidade e, conseqüentemente, potencializar o desenvolvimento humano. Sendo assim, é necessário que a educação e a psicologia trabalhem de forma dinâmica os aspectos psicossociais envolvidos no processo de ensino e aprendizagem dos alunos na escola. Desta forma, esta pesquisa buscou compreender a atuação da psicologia na inclusão de uma criança com síndrome de down matriculada em uma escola pública do DF. Para tanto, foram utilizadas entrevistas semiestruturadas com a mãe, a professora da sala regular, o estudante e a psicóloga. A partir da fala dos participantes elaborou-se um mapa conceitual em que aparecem dois principais eixos temáticos relacionados ao modo de execução da tarefa e as conseqüências da atuação, com desdobramentos. Portanto, a atuação da psicologia é compatível com que é preconizado pela proposta de educação inclusiva e pelas diretrizes impostas pela Secretaria de Educação.

Palavras chaves: educação inclusiva, desenvolvimento humano, síndrome de down, psicologia.

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	07
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	09
2.1 Compreendendo a inclusão nos tempos atuais.....	09
2.2 A Psicologia e a Educação.....	13
2.3 O papel do psicólogo no processo de inclusão.....	16
3. OBJETIVOS	19
a. Geral.....	19
b. Específicos.....	19
4. METODOLOGIA	20
4.1 Contextos da pesquisa	20
4.2 Participantes da pesquisa	21
4.3 Materiais	21
4.4 Termo de Consentimento Livre Esclarecido.....	21
4.5 Instrumentos de construção de informações	22
4.6 Procedimentos de Construção dos dados.....	22
4.7 Procedimentos de Análise dos dados.....	23
5. RESULTADOS E DISCUSSÕES	24
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	39
APÊNDICES	41
A. Roteiro de entrevista para o psicólogo da SEDF.....	42
B. Roteiro de entrevista para o professor da sala regular.....	43
C. Roteiro de entrevista para o professor da sala de recursos.....	44
D. Roteiro de entrevista para o estudante atendido pela SEDF.....	45
E. Roteiro de entrevista para os pais ou responsáveis pelo aluno.....	46
ANEXOS	47
A. Carta de Apresentação – Escola (Modelo)	48
B. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido– Professor/psicólogo (Modelo)	49
C. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido– Pais/responsáveis (Modelo)	50
D. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido–Aluno (Modelo)	51

1. APRESENTAÇÃO

Para Kelman (2010), a escola atual cumpre um papel de transformação social. Nesse sentido, a educação e a inclusão de alunos com deficiências e/ou altas habilidades podem ser consideradas um marco importante de conquistas e lutas por essas pessoas e suas famílias. Historicamente, essas pessoas tiveram seus direitos, principalmente o seu desenvolvimento humano negligenciados e negados por falta de políticas públicas, capazes de assegurar a dignidade e a cidadania.

Nessa evolução histórica, observa-se uma trajetória delicada e complexa que vai desde a falta de políticas públicas à escassez no suporte às famílias. Desse modo, as pessoas com deficiência tiveram o seu direito à escolarização negado, sendo comum um período em que viveram trancadas em suas casas, às escondidas, e outros momentos em instituições, uma vez que eram consideradas como fardos a serem carregados pela família e a sociedade (KELMAN, 2010; RIBEIRO, 2006).

A partir da Declaração de Salamanca em 1994, surge um novo cenário mundial, com debates sobre a inclusão da pessoa com deficiência e/ou altas habilidades no sistema regular de ensino. Esse cenário possibilitou aos profissionais das equipes escolares repensarem sobre suas contribuições para a inclusão em uma sociedade segregadora.

Pode-se considerar que, durante o curso de especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar da Universidade de Brasília (UNB) /Universidade Aberta do Brasil (UAB) tivemos a oportunidade de conhecer a inclusão como um processo dinâmico, e, como tal, estendido para vários contextos, inclusive o escolar, garantindo aos alunos com deficiência(s) e/ou altas habilidades o direito de aprender e se desenvolver como os demais e assim exercerem a cidadania. Nessa perspectiva, compreende-se que tais crianças encontram-se matriculadas na educação básica e assim serão beneficiadas por práticas interdisciplinares no sistema público de ensino do Distrito Federal-DF.

Sendo assim, compreende-se que as práticas inclusivas no DF buscam oferecer um espaço escolar de aprendizagem e promoção do desenvolvimento da pessoa com deficiência, dentre elas com síndrome de down. Acerca dessa síndrome, aprendeu-se na especialização que a limitação da deficiência intelectual não é impeditivo para que essas crianças aprendam. É preciso propiciar meios psicopedagógicos capazes de promover a aprendizagem, o desenvolvimento e a inclusão.

Desta forma, esta pesquisa versa sobre a atuação do psicólogo para a educação inclusiva, tendo como foco o processo de inclusão de uma criança com síndrome de down na escola pública do Distrito Federal. Nesse sentido, espera-se, com os dados encontrados pelo estudo, contribuir com novas discussões acerca da importância do profissional de psicologia no contexto inclusivo escolar, de forma a refletir sobre este profissional no papel de agente facilitador entre a pessoa com deficiência, a família, a escola e a sociedade.

De modo geral, entende que esta monografia pode acrescentar novos elementos para a construção de reflexões acerca de uma prática inclusiva e humana, capaz de estabelecer um diálogo participativo entre os diferentes agentes sociais: a pessoa com deficiência, a família, e os diferentes profissionais que compõem a equipe escolar. Para isso, estruturou-se didaticamente o trabalho em quatro capítulos, a saber: o primeiro capítulo intitulado como: Compreendendo a inclusão nos tempos atuais, em que discorre sobre a inclusão como um processo o qual reconhece a existência da diversidade social e sua importância para a aprendizagem e desenvolvimento humano.

O segundo capítulo é a Psicologia e a Educação, em que se apresentam reflexões sobre o diálogo entre a área da Psicologia e da educação, abordando uma noção sobre desenvolvimento humano pela perspectiva interacionista de Vygotsky. E, por fim, uma discussão sobre o papel do psicólogo no processo de inclusão, enquanto um agente de mediação no processo de ensino-aprendizagem e desenvolvimento. No quarto capítulo buscará entender a metodologia do presente trabalho, assim como os procedimentos de coletas e compreensão dos dados e algumas considerações.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Compreendendo a Inclusão nos Tempos Atuais

A sociedade segue em constante transformação e está repleta de desafios, como por exemplo, aceitar a pessoa com deficiência e/ou com altas habilidades, como parte integrante de si, e acolhê-la pela perspectiva da inclusão escolar. As demandas de uma sociedade dinâmica, democrática e pluralista devam ser acolhidas e problematizadas. Para tanto, entendemos a escola como um espaço privilegiado para estas discussões.

Kelman (2010) destaca que a escola é capaz de possibilitar a construção de um espaço de diálogo comum entre a educação, o indivíduo, a família e a própria sociedade como um todo. Sendo assim, compreende-se que na busca por cumprir um papel de transformação social, a escola em sua trajetória foi marcada, historicamente, por encontros e desencontros:

A escola, lugar principal das práticas educativas, é uma instituição social complexa marcada por influências variadas e contraditórias ao longo da história. Por isso mesmo, sabemos que a escola atual não é resultado de um processo evolutivo contínuo, mas fruto de revoluções e movimentos marcados por conflitos de interesses e ideias. Desse modo, olhar a escola como um sistema aberto e condicionado por um jogo de forças em que fatores internos e externos estão em constante movimento é importante para a compreensão de suas especificidades e de seu lugar na sociedade atual (KELMAN, 2010, p. 75).

Abordar o tema inclusão escolar de pessoas com deficiência e/ou altas habilidades na atualidade requer uma compreensão sobre a estreita relação entre a dimensão individual e a coletiva. Em outras palavras, entre os aspectos pessoais e os culturais, pois se entende que, só a partir daí, será possível promover reflexões sociais de fato inclusivas. Em razão dessa complexidade, torna-se interessante compreender o termo sociedade e cultura, a fim de contextualizá-los na história da inclusão rumo ao contexto escolar.

Acerca do termo sociedade, Kelman (2010, p. 12) destaca: “sociedade então pode ser entendida como um grupo de pessoas que são classificadas como um grupamento social porque compartilham os mesmos tipos de artefatos culturais” Tais pessoas, ao serem inseridas no mesmo contexto social, aprendem, desde cedo, que o seu funcionamento, o

seu comportamento e principalmente as trocas de comunicação, com os demais membros serão mediados pela cultura.

Nesse sentido, Kelman (2010), compreende o termo cultura como um conjunto de signos compartilhados que organizam as funções psicológicas dos indivíduos para conviverem em sociedade. Nesse sentido, a cultura tem um papel fundamental no processo de mediação entre o universo individual e o coletivo e vice-versa, pois ela é responsável pela transmissão das regras de aceitação e convivência social.

Ao ditar os costumes grupais, a sociedade torna explícito para seus membros quais são os membros que serão aceitos e conseqüentemente terão os comportamentos reforçados socialmente, e quais são os que não serão aceitos e, portanto, deverão ser excluídos porque não se encaixam nos seus padrões de costumes. Assim, observa-se que existe uma estreita relação entre cultura, exclusão, preconceito e estigmatização na história da inclusão (MAGALHÃES; DIAS, 2005; RIBEIRO, 2006; MENDES, 2006). Sobre essa relação, Kelman (2010) destaca os aspectos atuais da sociedade contemporânea:

O fenômeno da globalização tende a uniformizar valores culturais, [...].A tentativa de homogeneização cultural, motivada pelo processo de globalização econômica, influencia nossa produção televisiva. As novelas [...] são pensadas como produtos de exportação e [...] precisam ter características que induzam a aceitação internacional, [...]. A sociedade globalizada se organiza em prol da lucratividade e neste contexto acaba por evidenciar outro processo. Além de transmitir a cultura de uma determinada época, ela regula as diferentes trocas e interação entre o individual e o coletivo por meio da cultura (KELMAN, 2010, p. 29).

Em outras palavras, a autora supracitada destaca que os conhecimentos e valores oriundos das camadas sociais elitizadas são propagados pela globalização como verdades absolutas, e, como tais, são impostas às camadas sociais minoritárias, sem ao menos se preocuparem com o questionamento ético e moral.

Sobre essa cultura etnocêntrica, Kelman (2010) destaca que é importante um olhar cuidadoso, capaz de reconhecer que o próprio conceito de sociedade traz implícita a existência da diversidade e da diferença individual dentro de um mesmo grupo social. Ao se comportar dessa forma, a sociedade acaba por intensificar o antigo processo de exclusão e estigmatização sobre a pessoa com deficiência e/ou altas habilidades, uma vez que acentua o movimento de negação da singularidade do indivíduo pela homogeneização.

Sob essa perspectiva, entende-se que depois de séculos de preconceitos, a inclusão veio como uma resposta de respeito da sociedade para todos. Essa premissa deve nortear

uma inclusão de qualidade. “é sabido que os fundamentos teóricos metodológicos da inclusão escolar centralizam-se numa concepção de educação de qualidade para todos” (SANTANA, 2005, p. 227).

Nesse sentido, os profissionais envolvidos devem estar sensíveis ao seu papel nesse processo, pois se entende que a principal base do processo inclusivo é o reconhecimento da existência do outro como um ser humano, uma pessoa diferente das demais, isto é, buscase a valorização da pessoa acima da deficiência, como aparece abaixo:

Reconhecer a diversidade e as diferenças, de povos ou pessoas, implica em se rejeitar o conceito de cultura etnocêntrica e aceitar a existência da pluralidade cultural, na qual as diferenças de comportamentos, práticas e valores são igualmente respeitadas, sem que haja a primazia de uma cultura sobre as demais (KELMAN, 2010, p. 29).

Nesse sentido, compreender a inclusão significa também ampliar o entendimento sobre o próprio conceito de cultura, ou seja, cria-se a possibilidade de aceitar a coexistência da pluralidade humana em um mesmo grupo. Para essa autora, ao reconhecer o multiculturalismo cria-se também espaços para o convívio e respeito em diferentes contextos, capazes de promover a aprendizagem e o desenvolvimento, dentre eles, a escola como destaca Kelman (2010):

A escola, como espaço coletivo, educacional, constitui-se em lócus privilegiado de convívio solidário entre pessoas diferentes. Deve promover ações que levem seus integrantes a desencadear um ponto de ruptura do individualismo; gerando a prática de atividades que transcendem a educação informativa. O estímulo a atividades desportivas, recreativas e culturais aproxima os diferentes, (KELMAN, 2010, p.30).

O processo sócio-histórico anterior à inclusão foi de sofrimento, permeado por uma cultura social de exclusão, segregação e preconceito (RIBEIRO, 2006; MENDES, 2006; MAGALHÃES; DIAS, 2005; KELMAN, 2010). Nesse sentido, entende-se que uma sociedade inclusiva, respaldada em políticas públicas e capaz de acolher a diversidade, pode ser considerada como uma construção social dos dias atuais.

Roriz, Amorim e Rossetti (2005), em um estudo empírico com a palavra inclusão social/escolar nas principais fontes de pesquisas científicas: MEDLINE, PSYCINFO e LILACS, no período de 1996-2003, evidenciaram que este é um assunto de interesse da comunidade acadêmica para pesquisas nas áreas de saúde e educação. No entanto, observa-se que, apesar do interesse por essas áreas, ainda se faz necessário ampliar o entendimento sobre a inclusão, pois mesmo depois de anos de lutas e de algumas conquistas, a pessoa

com deficiência e/ou altas habilidades, na maioria das vezes, ainda continua silenciada em seus direitos. Isso mostra a necessidade de novas reflexões, acerca da inclusão por parte desses profissionais.

Esse estudo de Roriz e cols (2005) apontam o termo inclusão como algo relativamente novo com indícios datados a partir de 1989. Nos anos de 1990 e 1991 somente um estudo foi feito utilizando-se essa nomenclatura; já no ano de 2001 foram apresentados seis estudos contemplando essa temática. Assim, observa-se que existe uma convergência de interesse de se investigar a inclusão e a própria noção de inclusão.

A inclusão é o passo importante em uma sociedade democrática e de direito rumo à cidadania. Conceber a inclusão como tal, ainda é um desafio que exige muitos esforços de diferentes frentes sociais, pois historicamente ela surgiu na metade da década de 80, daí ser considerada como um processo recente. Certamente, os movimentos sociais internacionais contribuíram muito para assegurar os direitos dessas pessoas, como destaca Ribeiro:

A fase de inclusão surgiu na segunda metade da década de 80 do século XX e se incrementou somente nos anos 90, em algumas metrópoles, tendo como princípio básico a adaptação do sistema escolar às necessidades dos alunos. A **Declaração de Salamanca** (grifo da autora) assinada em 1994, nesta cidade espanhola, pode ser considerada um marco no processo educacional como um todo, já que foi o documento que oficializou o termo inclusão no campo da educação (2006, p.17)

No Brasil, ao considerar a educação como um direito fundamental, leis como Constituição Federal (BRASIL, 1988) e a Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) (BRASIL, 1996), Lei n. 9.394 de 20 de dezembro de 1996, reafirmam o compromisso social do país com a pessoa com deficiência e/ou altas habilidades no contexto escolar. Tais leis tem embasado a prática inclusiva dos educadores nas escolas como mostra o Título III - Do Direito à Educação e do Dever de Educar da LDB:

O dever do Estado com a educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de:

I - ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria.

III - atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com necessidades especiais, preferencialmente na rede regular de ensino; (BRASIL, 1996, art. 4º).

Assim, observa-se que teoricamente as instituições de ensino estão caminhando em uma direção mais sensível, pois enquanto agente social, elas percebem a existência da diversidade na sociedade. A escola ao acolher as pessoas com deficiência busca ofertar um

espaço para resignificação da própria existência e da subjetividade. O processo de ensino e aprendizagem e o desenvolvimento do aluno com deficiência e/ou altas habilidades é um desafio compartilhado pela escola, alunos sem deficiência, e a família e o próprio estado, isto é, responsabilidade de todos.

2.2 A Psicologia e a Educação no contexto inclusivo

Para uma educação inclusiva, a escola precisa adotar uma postura dinâmica e crítica tanto em relação às demandas de aprendizagem e desenvolvimento dos alunos quanto em relação ao seu próprio papel de transformação social e de seus profissionais. Nesse sentido, Dazzani (2010) destaca a psicologia como um conhecimento que tem contribuído bastante nos processos educacionais e escolares.

Sob essa perspectiva, entende-se que os conhecimentos em psicologia vêm contribuindo para a escola promover a cidadania rumo à democratização da educação no Brasil (MANTOAN, 2015; DAZZANI, 2010). Segundo Kelman (2010), qualquer profissional que adentra o contexto escolar, independente de sua formação, é um educador. Isso se aplica à prática da psicologia no contexto escolar, como aponta Dazzani:

[...] assim, a Psicologia escolar e educacional passa a refletir sobre o seu papel, lançando um olhar crítico sobre sua trajetória histórica e seus desafios futuros [...] do ponto de vista político-social, um dos problemas mais graves nas práticas escolares é a inclusão/exclusão social e escolar (DAZZANI, 2010, p. 364).

Partindo desse pressuposto, entende-se que, assim como a educação, a psicologia escolar também está sensível de que pode contribuir para a inclusão e que isso é um dos desafios que enfrentará no contexto escolar, pois a inclusão ainda não ocorreu totalmente, isto é, ela está em processo de construção e expansão (BEYER, 2006; GOMES, 2007; DAZZANI, 2010; CRP, 2009; MANTOAN, 2015).

Segundo Dazzani, (2010), a psicologia na escola, ao contribuir para uma prática inclusiva deve refletir sobre suas próprias ações nesse contexto, ou seja, ela deve ir além da preocupação com os aspectos cognitivos individuais dos alunos, isto é, se eles aprendem ou não em sala de aula. As ações serão voltadas para um trabalho em parceria com os demais educadores, pois, nessa perspectiva, o contexto escolar é considerado como um todo, devido tamanha complexidade.

Ao agir dessa forma, a psicologia corrobora para superar as barreiras do discurso histórico da exclusão, segregação e integração e contemplar a diversidade na escola (BEYER, 2006; GOMES, 2007; CRP, 2009). Dazzani (2010, p. 365) destaca que “nem sempre a exclusão se resume ao fato de que a criança estar fora do espaço físico da escola, mas fora do espaço simbólico da cultura e da economia”.

Tanto para Ávila (2008), quanto para Mantoan (2015), a inclusão escolar deve ser compreendida como um processo, no qual tem a escola como um espaço distinto e relacional, capaz de acolher e aceitar a existência da diversidade humana. Sob essa perspectiva, Kelman (2010) afirma que a diversidade é real, logo deve ser abordada dentro e fora da sala de aula, a fim de garantir uma educação inclusiva de qualidade no contexto da escola, de forma que possa tornar as crianças cidadãos capazes de exercer a cidadania.

Diante dessa situação, compreende-se que a escola, enquanto contexto democrático deve ir além da simples capacidade de acolher o aluno com deficiência na sala de aula, ou seja, não basta apenas matricular essas crianças, a escola deve promover rupturas com antigas atitudes e práticas excludentes e segregadoras (GOMES, GONÇALEZ, 2007; RIBEIRO, 2006; ÁVILA, 2008; KELMAN, 2010).

Assim, entende-se que a escola inclusiva é um espaço privilegiado de resgate e construção do desenvolvimento do alunado como um todo e daquele com deficiência, em especial. O foco passa a ser na criança e não mais em suas limitações, decorrentes da deficiência.

Para Dazzani (2010), a psicologia escolar atual tem contribuído para a educação caminhar para a inclusão. Para essa autora, a psicologia escolar, ao trabalhar em parceria com a pedagogia, possibilita ao aluno com deficiência desenvolver suas potencialidades humanas de maneira integral. Sob este aspecto, Kelman (2010) destaca que as contribuições da abordagem interacionista têm permitido aos professores e demais educadores conduzirem suas práticas rumo ao modelo inclusivo, ou seja, aquele modelo de educação em que leva em consideração a diversidade social e cultural da sociedade.

No artigo intitulado: “A defectologia e o estudo do desenvolvimento e da educação da criança anormal” Vigotski, defende que:

[...] a postulação do desenvolvimento como um percurso tortuoso, atravessado por rupturas e conflitos, e a tese central do autor de que caminhos indiretos de desenvolvimento são possibilitados pela cultura quando o caminho direto está impedido. Isso teria especial importância no caso das crianças com deficiência. O desenvolvimento cultural seria,

assim, a principal esfera em que é possível compensar a deficiência (VIGOTSKI, 2011, p. 863).

De acordo com a proposta acima, compreende-se que o desenvolvimento humano se estabelece nas trocas de interação entre o indivíduo com o universo coletivo, isto é, com a cultura. Para esse autor, o desenvolvimento da criança com deficiência segue um caminho indireto para aquisição das operações psicológicas superiores.

Sob essa mesma perspectiva, Candido (2010) afirma que, quando o assunto é contexto escolar, intervenções pedagógicas e processo de ensino e aprendizagem devem contemplar a compreensão do desenvolvimento global da criança, dentro e fora de sala de aula, tratando estes fenômenos como frutos de uma relação interdependente entre sujeito e o seu meio.

Desta forma, entende-se que Vygotsky (2011) é um dos teóricos da psicologia que oferece grandes contribuições para o campo da educação. De modo geral, esse autor defende a importância da mediação e uso dos símbolos na aprendizagem infantil, pois se a via de acesso às informações encontra-se bloqueada, criam-se alternativas de aquisição da informação, como aparece descrito abaixo:

[...] o desenvolvimento cultural é a principal esfera em que é possível compensar a deficiência. Onde não é possível avançar no desenvolvimento orgânico, abre-se um caminho sem limites para o desenvolvimento cultural[...]. Para a criança intelectualmente atrasada, deve ser criado, em relação ao desenvolvimento de suas funções superiores de atenção e pensamento, algo que lembre o sistema Braille para a criança cega ou a dactilologia para a muda, isto é, um sistema de caminhos indiretos de desenvolvimento cultural, quando os caminhos diretos estão impedidos devido ao defeito (VYGOTSKY, 2011, p. 869).

Sendo assim, entende-se, pela perspectiva da psicologia, que a escola é um lugar favorável para o desenvolvimento humano das crianças, pois além de introduzi-las no mundo das regras, oportuniza a construção de alternativas, quando os caminhos diretos estão impedidos pela deficiência. Em outras palavras, é na interação social que a criança se desenvolve e aprende. Assim, a interação social adquire um lugar de importância para a criança com deficiência, pois ao interagir com outras pessoas ampliam-se as chances de aprendizagem, trocas, socialização construção e reconstrução de si e do mundo.

Neste contexto, compreende-se que a escola cumpre um papel fundamental na promoção da aprendizagem, pois favorece o desenvolvimento da criança com deficiência assim como das crianças sem deficiência. Nesse sentido, as ideias de Vygotsky (2011)

somam com a proposta inclusiva. Por meio dessa teoria criam-se oportunidades de interação e trocas da criança com deficiência com outras crianças do ensino regular sem deficiência.

Desta forma, a escola não pode apenas acolher as pessoas com deficiência na sala de aula regular, ela tem que ser um contexto democrático, capaz de lidar com a diversidade constituinte do seu tecido social e, nesse desafio que é o educar para a diversidade, pode-se contar com o suporte teórico e prático da psicologia.

2.3 O papel do Psicólogo no Processo de Inclusão

Pela perspectiva inclusiva, as escolas têm um relevante papel social, pois, além de promover a aprendizagem, elas contribuem para a mediação entre a criança com deficiência, a cultura, a sociedade e a família.

A escola comum é o ambiente mais adequado para garantir o relacionamento dos alunos com ou sem deficiência e de mesma idade cronológica, a quebra de qualquer ação discriminatória e todo tipo de interação que possa beneficiar o desenvolvimento cognitivo, social, motor e afetivo dos estudantes (MANTOAN, 2015, p. 40).

Nesse sentido, o acesso dessas crianças à escolarização significa uma oportunidade única de aprendizagem e desenvolvimento (JURDI, 2006; ROLFSEN, 2008; KELMAN 2010). De modo geral, toda criança, ao ingressar na escola, tem sua entrada marcada por muita expectativa familiar. Isso também ocorre com aquelas famílias que tem uma criança com deficiência.

Sensível a esse movimento familiar, Rolfsen (2008) aponta que é preciso levar em consideração não só as expectativas com a entrada na escola, mas também as preocupações que essas famílias têm sobre seus filhos serem incluídos e aceitos. Assim, considera-se que a escola e a família são lugares sociais capazes de promover o desenvolvimento da criança com deficiência.

Sendo assim, as famílias devem ter uma participação ativa na inclusão escolar de seus filhos. Para que isso ocorra, ela precisa do apoio e suporte da escola e de seus profissionais para que em casa possa dar continuidade ao serviço ofertado às crianças. Desse modo, Sekkel, Zanelatto e Brandão (2010, p. 299) afirmam que “quando se tem o cuidado de explicitar os princípios, valores e regras vigentes em um determinado ambiente institucional, isso o torna menos ameaçador e, nesse sentido, mais inclusivo”.

Como se pôde observar o diálogo entre a família, a escola e a comunidade se faz necessário para uma nação mais inclusiva. Nesse sentido, a escola e a família devem estabelecer uma parceria de apoio e respeito mútuo, pois só dessa forma se contribuirá para a formação dessas crianças como futuros adultos cidadãos como sugere a Constituição Federal do Brasil (BRASIL, 1988). Nesse sentido, a constituição assegura educação para todos, inclusive para aqueles com deficiência.

Acerca da inclusão, Dazzani (2010) acrescenta que a psicologia é um tipo de conhecimento que pode agregar um olhar diferenciado para romper com as práticas excludentes e preconceituosas nas escolas. Para essa autora, “esse psicólogo estará preparado para integrar equipes, comissões e grupos de trabalho multidisciplinar, no sentido de interferir no desenvolvimento da criança, sobretudo com a família, a escola e a comunidade” (DAZZANI, 2010, p. 373).

Como pôde-se observar, no modelo de educação inclusiva, é desejável o diálogo entre a pedagogia e a psicologia. Para Mantoan (2015, p. 24) “se o que pretendemos é que a escola seja inclusiva, é urgente que seus planos se redefinam para uma educação voltada à cidadania global, plena, livre de preconceitos, que reconhece e valoriza as diferenças”. Nesse sentido, a parceria de apoio e construção mútua entre esses saberes são fundamentais para a formação dessas crianças como futuros adultos e cidadãos.

A psicologia na escolar poderá contribuir com o desenvolvimento e a inclusão do aluno com deficiência, uma vez que busque romper com discursos preconceituosos e biologizantes. Assim esse profissional vem compondo a equipe escolar, em um trabalho de parceria com os professores e demais servidores na escola.

Dazzani (2010) destaca a relevância do profissional de psicologia quando afirma que “quando a educação não se realiza, quando a escola não consegue cumprir sua tarefa, quando a aprendizagem não se dá, é aqui precisamente que o discurso e os saberes da Psicologia surgem com uma força especial” (DAZZANI, 2010, p 368).

Levando-se em consideração tais reflexões Mantoan (2015, p. 28) acrescenta: “a inclusão implica uma mudança de perspectiva educacional, pois não atinge apenas alunos com deficiência e os que apresentam dificuldades de aprender, mas todos os demais, para que obtenham sucesso na corrente educativa geral”.

Acerca da atuação da psicologia, entende-se que a construção da subjetividade da criança com deficiência é favorecida nas diferentes inter-relações sociais supracitadas,

assim percebe-se a importância do contexto social defendida por autores como Kelman (2010) e Dazzani (2010).

Para Ávila (2008), práticas sociais preconceituosas podem influenciar negativamente essa construção subjetiva que o indivíduo estabelece consigo. Vygotsky (2011) destaca que a mediação tem um papel importante para o desenvolvimento humano, pois crianças com deficiência desenvolvem caminhos alternativos de aprendizagem quando tem oportunidades de trocas.

Apesar de perceber-se que tanto o professor quanto o psicólogo tem um papel fundamental na mediação nas relações sociais e que existe esforços públicos relacionados à criação de políticas públicas inclusivas para acolher a crianças com deficiência na escola, observa-se que ainda se faz necessário conhecer como, de fato, ocorre a inclusão nesse contexto de desenvolvimento, bem como conhecer a importância da psicologia para a promoção de ações inclusivas com esses alunos. Para Dazzani (2010, p. 372) “o psicólogo que escolhe trabalhar nessa realidade deverá compreender as demandas por justiça e direitos e forjar suas ações no sentido de contribuir criticamente e situar-se também como ator comprometido com essas demandas .

Nesse sentido, o foco deste trabalho foi investigar a atuação da psicologia no processo de inclusão de um aluno com síndrome de down.

3. OBJETIVOS

3.1 Geral

Identificar a contribuição da psicologia para o processo de ensino-aprendizagem de uma criança com síndrome de down em seu processo de inclusão na escola regular.

3.2 Específicos

- Identificar a atuação do psicólogo no processo de inclusão de um aluno com síndrome de down.
- Identificar com a psicóloga da escola a contribuição de sua atuação profissional para a inclusão do aluno com síndrome de down.
- Identificar com a professora deste aluno a contribuição da atuação da psicologia para a inclusão do aluno com síndrome de down.
- Identificar com o aluno com síndrome de down a contribuição da atuação da psicologia para a sua inclusão.
- Identificar com a mãe do aluno com síndrome de down a contribuição da atuação da psicologia para a inclusão dele.

4. METODOLOGIA

Kelman (2010) aponta a importância da produção científica, levando-se em consideração a capacidade do pesquisador em lidar com o objeto de estudo, bem como a produção dos achados articulados com um pensamento teórico situado conceitualmente em um momento histórico concreto. Sendo assim, adotou-se a modalidade de pesquisa qualitativa, com delineamento de pesquisa empírico-teórica que, como aponta Maciel e Silva (2010), busca embasar uma prática investigativa compreensiva, pois articula a teoria com a realidade prática.

Sob este enfoque, foram utilizadas como técnicas de coleta de dados: a observação da realidade e o uso de entrevistas semiestruturadas com: a psicóloga; com o aluno atendido; com um de seus responsáveis, e também com a professora.

Além disso, tornou-se necessário adotar, como apoio de coleta de dado, um diário de campo, onde constam registros das observações e apontamentos pertinentes à pesquisa. Abaixo segue, também, um detalhamento sobre a caracterização do contexto da pesquisa, dos participantes, bem como a explanação sobre a utilização dos materiais e a construção dos instrumentos de coleta dos dados, e o manejo dos dados encontrados.

4.1 Contexto da Pesquisa

A construção dos dados foi realizada em uma escola pública do Distrito Federal – DF. A referida escola oferece o ensino fundamental do 1º ao 5º ano. De acordo com os dados da escola, há 275 alunos matriculados nesse ano.

Para o atendimento desses alunos, a escola tem em sua estrutura de funcionamento, sala de aula e de recursos, pátio coberto, uma sala de diretoria e outra de professores, cozinha, banheiros adaptados, biblioteca com uma divisória para uma pequena sala, onde a psicóloga acolhe as famílias dos alunos.

Além dos professores e servidores, a escola conta também com um atendimento educacional especializado (AEE) na sala de recursos e os serviços psicopedagógicos da Equipe Especializada de Apoio à Aprendizagem (EEAA), em que há um trabalho itinerante de um psicólogo para visitação escolar.

4.2 Participantes da Pesquisa

Diante da complexidade do objeto de estudo, tornou-se fundamental considerar a participação do aluno, da mãe, da professora da sala regular e da psicóloga itinerante. Para fins éticos, foi solicitado aos participantes a autorização por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido – TCLE (Anexo). Abaixo, segue os participantes:

Breno tem 12 anos é filho caçula e está matriculado nessa escola desde janeiro de 2010. Ele estuda no período matutino, quarto ano. Rosa, a mãe, é natural do nordeste, tem 53 anos, é do lar, possui segundo grau completo, casada, ela tem filhos na adolescência e vida adulta. Atualmente, a família tem um comércio como renda familiar.

Tereza, a professora da sala regular, tem 42 anos, natural de São Paulo-SP, formação em pedagogia e está no magistério há dezessete anos. Atua na SEDF a um ano como professora contrato temporário. A professora trabalhou por muitos anos na educação especial da APAE-SP.

Judite tem 57 anos, sendo que destes são vinte e quatro anos como psicóloga e educadora junto a SEDF. Na educação inclusiva e compondo a equipe itinerante são quatorze anos de experiência.

4.3 Materiais

- ✓ Gravador de som Sony, mp3 com 2GB de memória;
- ✓ Diário de campo;
- ✓ Notebook;
- ✓ Pen drive

4.4 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Por respeito aos preceitos éticos, a pesquisadora desenvolveu Termos de Consentimento Livre e Esclarecidos para que os participantes da pesquisa pudessem manifestar seu desejo de participar da pesquisa, sem prejuízo algum para eles.

4.5 Instrumentos Construção de Informações

Entende-se que, para a construção, organização e análise dos dados são necessários, ao pesquisador (a), dispor de alguns recursos. Segundo Maciel e Raposo (2010), a realidade surge como um campo fecundo de interesse e investigação para o pesquisador (a) que busca compreendê-la e elucidá-la, para continuar o processo de construção do conhecimento científico.

Como instrumento de pesquisa foram criados quatro roteiros de entrevistas com base nos objetivos da pesquisa e na literatura estudada sobre a atuação da psicologia na escola inclusiva, como técnica de pesquisa usou-se de entrevistas semiestruturadas (anexo).

4.6 Procedimentos de Construção de Dados

Durante um dos encontros presenciais no Polo de Alto Paraíso de Goiás, a professora disponibilizou o contato telefônico de uma das psicólogas que realizam o atendimento escolar pela perspectiva inclusiva no DF.

Assim, contactou-se a referida profissional a fim de averiguar a possibilidade de sua participação na referida pesquisa. De imediato, ela aceitou e explicou a necessidade da autorização junto à Regional de Ensino.

Todas as providências éticas, desde a permissão até as entrevistas e observações foram tomadas. Desse modo, foi agendado o primeiro encontro com a psicóloga. O intuito era de conhecê-la e apresentar a proposta da pesquisa.

No dia da entrevista com a criança foi possível observá-la em interação com a professora e os coleguinhas na sala, pois momentos antes ocorria uma festinha na sala, onde todos corriam, sorriam, brincavam e chamavam o aluno e a professora pelo nome.

Durante a entrevista, no qual foi solicitado ao aluno que desenhasse a escola (anexo), teve-se também a oportunidade de observar a interação mãe e filho. Em alguns momentos, o aluno pediu para que a mãe saísse, mas ela continuou sentada durante a entrevista e justificou que ele tinha dificuldades para conversar.

Além das observações, foram realizadas entrevistas semiestruturadas transcritas com os participantes. A técnica de entrevista foi escolhida porque permite o diálogo entre a pesquisadora e os participantes a partir de um guia com perguntas específicas.

As entrevistas aconteceram na própria escola. Elas foram construídas e gravadas em áudio, e posteriormente transcritas levando-se em consideração o objetivo proposto, acerca da contribuição da psicologia para a inclusão de uma criança com síndrome de down.

Ressalta-se que apesar de ter sido previsto a participação da professora da sala de recurso durante a pesquisa, isso não foi possível, pois a escola informou a pesquisadora que a professora estava de atestado médico e não havia previsão de retorno às atividades nesse ano.

4.7 Procedimentos de Análise Dados

Após a coleta dos dados, foi realizada uma análise do discurso pela perspectiva da semiótica da cultura como propõe Bakhtin (1992 apud FÁVERO; MELLO, 1997): “Tomamos então a fala dos sujeitos como um texto, isto é, como um veículo mediador de um determinado conteúdo” (p.133).

Como unidade de análise, considera-se a fala transcrita dos participantes de cada entrevista em busca dos sentidos implícitos. Fávero e Mello (1997) propõem então que o conteúdo dessas falas sejam transcritas e depois transformadas em proposições.

Desta forma, buscou-se extrair os sentidos implícitos para cada participante e depois fez-se uma análise comparativa entre ele. Assim, as análises foram organizadas, categoricamente, em três etapas distintas como aparece na tabela abaixo:

1ª etapa: Organizou-se as falas dos participantes de acordo com as perguntas transcritas em uma tabela dividida em:

- ❖ **Transcrição da fala:** fala gravada que foi transcrita na íntegra.
- ❖ **Resumo das falas:** encontra-se a proposição criada.
- ❖ **Interpretações possíveis–níveis 1:** construção das primeiras interpretações.

PERGUNTA:

Participantes	Transcrição da fala	Resumo da fala	Interpretações possíveis – nível 1
Mãe			
Professora regular			
Criança			
Psicóloga			

5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

As análises dos dados foram organizadas, considerando os participantes da pesquisa: mãe, professora, Breno e psicóloga. Assim, a partir das falas deles, foi construído um mapa de significados, como sugerido pela metodologia da pesquisa.

Abaixo, segue o mapa conceitual que contempla aspectos relevantes acerca da atuação da psicologia no processo de inclusão do aluno com síndrome de down (ver figura 1). Desse modo, a figura ficou sistematizada em dois principais eixos temáticos: modo de execução da tarefa da psicologia e as consequências dessa atuação, possibilitando compreender as expectativas e desafios para a psicologia, para cada participante da pesquisa.

O mapa se concentrou nas respostas da mãe, professora da sala regular e da psicóloga, haja vista as respostas confusas construídas por Breno sobre a atuação da psicóloga.

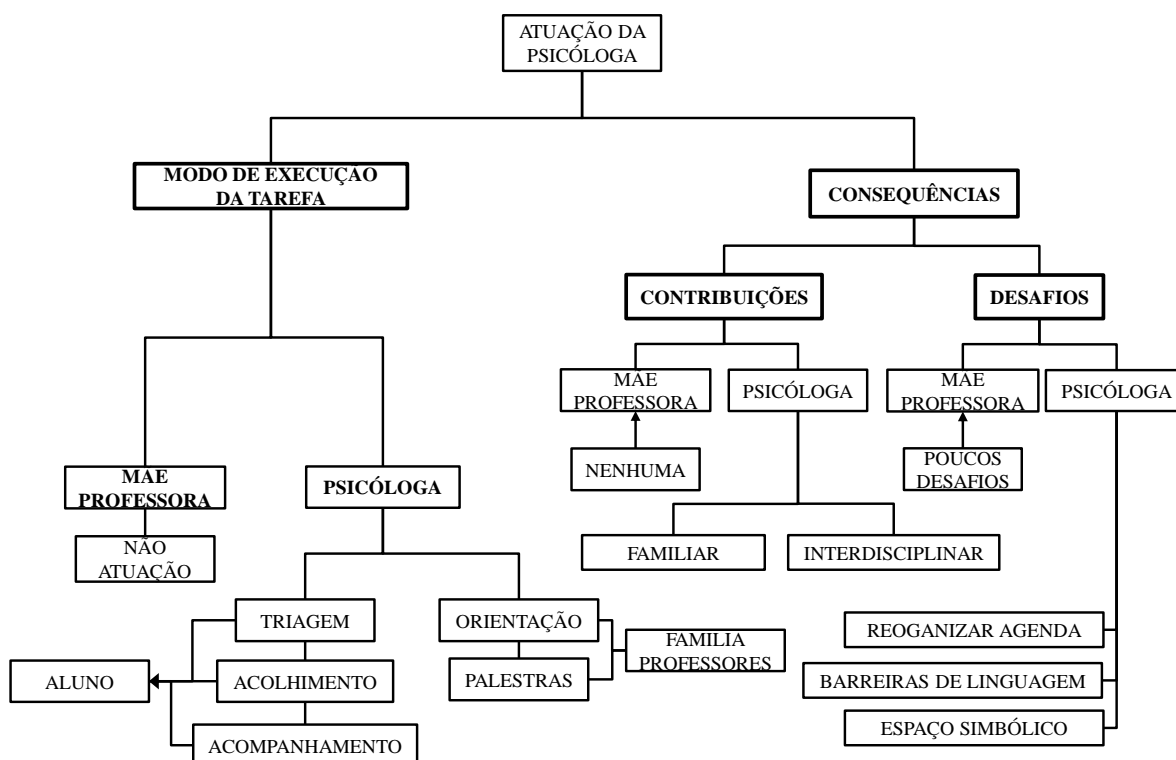


Figura 1: esquematização de significação, a partir da análise dos discursos dos participantes.

Na Figura 1, a atuação da psicologia é dividida em dois eixos, a saber: modo de execução e consequência. Por modo de execução, entendemos a forma como a mãe, a professora, Breno e a própria psicóloga percebiam a forma de a psicóloga realizar o trabalho na escola. Por consequência, entendemos os resultados que tal atuação parece ter, na visão de cada participante. As consequências, por sua vez, foram organizadas em dois subtemas: contribuições da atuação da psicologia e desafios da atuação da psicologia, na visão de cada participante.

Com estes temas e subtemas construídos, verificamos que dois grupos puderam ser formados: mãe/professora, com percepções similares sobre a atuação da psicóloga e, por outro lado, a percepção da própria psicóloga. Em síntese, a figura 1 evidencia que a mãe e a professora da sala regular percebem uma não atuação da psicóloga para a inclusão de Breno; enquanto esta percebe que atua com dois grupos: alunos e professores/família. Com os alunos, a psicóloga destaca que sua atuação é de triagem, acolhimento e acompanhamento. Com a família e os professores, ela identifica que sua atuação é de orientação e palestras de formação.

A partir da percepção de como a psicóloga exerce suas atividades, as consequências, como contribuições, na visão da mãe/professora, é de uma não atuação por parte da psicóloga. Ou seja, a sua atuação não traz contribuição para a inclusão do aluno Breno. Por outro lado, na visão da psicóloga, o seu trabalho não deve primar pela individualização, mas é atuar em equipe interdisciplinar, com apoio à família.

Do ponto de vista das consequências, como desafios, a percepção da mãe/professora foi de que há poucos desafios para a atuação da psicóloga no trabalho com Breno. Por outro lado, a psicóloga percebe que os desafios da sua atuação se referem a um excesso de demanda, que constantemente exige a reorganização da agenda e trabalho, uma desvalorização do serviço da psicologia, expresso pelo espaço físico destinado ao atendimento da equipe especializada e também a dificuldade de disputa de espaço com os profissionais da pedagogia na escola.

A figura 1 demonstra, portanto, que mãe e professora têm uma percepção muito diferente da psicóloga sobre a atuação da psicologia para a promoção da inclusão. Ela evidencia, também, que a mãe e a professora parecem ter foco no estudante Breno, enquanto a psicóloga tem foco no processo de inclusão e no trabalho da psicologia para a promoção da inclusão como um todo. Não é só o Breno, são vários alunos incluídos, demandando apoio.

A seguir, apresentamos análises mais detalhadas, considerando cada participante e cada tema e subtema construídos no processo de análise.

5.1 Mãe

a) Modo de execução das tarefas da psicologia na perspectiva da mãe

No decorrer da entrevista, Rosa relata que apesar de o filho estudar na escola há muitos anos e de todos gostarem dele, ela não saberia como comentar sobre a atuação da psicologia. A mãe evidenciou que a psicologia não teve atuação direta no processo de ensino e aprendizagem de seu filho, pois considera que tanto ela quanto o filho tiveram poucos ou nenhum encontro com a atual profissional.

Além disso, Rosa destaca também que, em decorrência desses poucos ou nenhum encontro com a profissional, ela não recebeu nenhuma orientação da equipe sobre o filho, logo teria dificuldades de apontar as contribuições desse serviço para a inclusão do mesmo, pois, segundo Rosa, ele, desde recém nascido, quando recebeu a confirmação do diagnóstico de síndrome de down, passou pela estimulação precoce e assim veio para a escola, preparado para a inclusão.

Nesse sentido, a mãe considera pouco expressiva a atuação da psicologia para o desenvolvimento e inclusão do filho, como aparece no discurso abaixo:

“[...] E em relação a psicologia, é feito algum tipo de trabalho da psicóloga com o Breno? Aqui não! Uma vez, depois que o Breno estuda aqui teve um questionário que elas vieram fazer comigo que era a primeira, a fulana. Ela também fez do Breno, mas fora isso nunca teve! O Breno nunca teve atendimento e nada ou outros trabalhos com ela não!”

Para Kelman (2010) e Mantoan (2015), a educação inclusiva busca ofertar uma educação de qualidade para todas as crianças, independente da sua condição de aprendiz. Para essas autoras, a ênfase educacional recai sobre a pessoa em desenvolvimento e não mais na deficiência da criança, como era a proposta da educação especial, isto é, na época da segregação.

Sendo assim, entende-se que o desenvolvimento perpassa pela interação com os demais membros na escola como professores e alunos com e sem deficiência e não somente pela psicologia. A interação possibilita ao Breno desenvolver suas potencialidades e, conseqüentemente, estabelecer o senso de pertencimento social.

De modo geral, compreende-se, pela fala da mãe, que a referida escola é capaz de acolher a criança que apresenta deficiência, isso sem focar nos aspectos determinantes e limitantes do aparato biológico. Desta forma, as atividades inclusivas tendem a contemplar a inter-relação do universo individual com o coletivo, isto é, acolhe a diversidade.

A esse assunto, Ribeiro (2006) e Beyer (2006) destacam que a proposta da integração escolar difere bastante em termos de paradigma e objetivos da atual educação inclusiva, que é adotada no DF. Enquanto a primeira tem a preocupação em criar espaços de tolerância à diferença, em ambientes institucionais controlados, a segunda vai além, pois contribui para o processo de conscientização sobre a importância da sociedade em aceitar essas pessoas, uma vez que reconhece a existência da diversidade na sociedade e no contexto escolar.

Na percepção da mãe, acostumada com a outra proposta educativa, a atuação da psicologia foi mínima ou nenhuma, pois a mesma esperava um suporte mais diretivo com propostas de intervenções para a modificação do comportamento da criança. A mãe teve dificuldades em descrever como é realizado o trabalho da psicologia pela perspectiva inclusiva.

b) Consequências

b.1) Contribuições

A mãe teve pouco contato direto com o serviço de psicologia na escola e, dessa forma, afirmou desconhecer as contribuições da profissional para o desenvolvimento e inclusão do filho, como aparece abaixo:

“[...] Não teve nenhum tipo de trabalho com você de chamar para conversar? Não! eu que procurei elas, porque o Breno estava com essas manias de dedos. Eu cheguei para ela e conversei com ela! E como foi essa conversa? Ela disse que, ela disse uma coisa, que eu já sabia né, que ele fazia mais isso aqui!! quando ele por exemplo via criança perto dele!

“[...] Ele bate na mão dele sabe! ele diz assim: para fulano, tá ouvindo tem que parar! A gente tá reclamando com ele e ele tá mandando a mão dele parar! (sorrisos)

Para Dazzani (2010) e CRP (2009), é preciso uma reflexão mais cuidadosa acerca das contribuições da Psicologia para a educação e para a inclusão, de forma a romper ações atreladas ao modelo de clínica psicológica na escola.

A mãe demonstra desconhecer a forma de atuação da psicologia com o seu filho e, conseqüentemente, também não sabe qual o papel do profissional de psicologia no desenvolvimento do filho, como aparece abaixo:

“[...] É isso que eu vou lhe falar né, eu nunca vi o trabalho da psicóloga, olha ela já me chamou, realmente! ela já fez uma avaliação sobre ele, mas dizer assim que ela já chamou e ele, eu não sei disso não! Acho que não! se chamou e atendeu não tô sabendo não viu! então eu não posso nem te responder isso.”

b.2) Desafios

Apesar de a mãe afirmar que, de modo geral, a psicologia está preparada para os desafios da inclusão, ela apresenta dificuldades em citar quais seriam estes desafios. Diante disso, ela atribui o desafio maior ao pouco investimento dos cofres públicos com estruturas e recursos que dificulta o trabalho com as crianças.

“Eu até acredito que esteja, mas assim né, vou citar aqui o governo! [...] ele quer mais para as crianças especiais, mais não dá recursos, acho que falta muito suporte muito recurso para melhorar ainda mais sabia. Mas assim aquela coisa que eu vou falar para você eu não tenho muita coisa para falar em relação a psicóloga porque que nem eu te falei!!! Eu tive pouco contato com ela, para falar a verdade o Breno tem cinco anos aqui!!! Até hoje eu só me encontrei com a psicóloga duas vezes!! Uma com a fulana e outra com ela Beltrana aqui, uma foi que ela fez o questionário do Breno e um dia eu procurei ela para vê se ela me orientava sobre esse tal de falar com a mão.”

Segundo Dazzani (2010), o psicólogo na educação inclusiva tem alguns desafios, dentre eles, o de repensar a sua formação, a sua prática e, principalmente, a sua relação com os demais educadores, funcionários, a família e as outras crianças com e sem deficiência. Dessa forma, entende-se que, ao agir desse modo, este profissional conseguirá articular melhor suas ações com as propostas de políticas públicas, isto é, de educação para todos em favor do respeito à cidadania e à diversidade.

5.2 Professora da Sala de Aula Regular

a) Modo de execução das tarefas da psicologia na perspectiva da professora

Durante a entrevista, a professora destacou que poderia disponibilizar informações acerca do desenvolvimento do Breno, isto é, com base em sua própria atuação em sala de aula, uma vez que ela não teve contato com a psicóloga e a professora especialista da sala de recurso estava de atestado médico, como aparece no trecho abaixo:

“Posso falar do Breno! [...] a professora especialista que é da sala de recursos, [...] está afastada no momento, só que a gente não teve nenhuma conversa a respeito do Breno. As adaptações quem está fazendo sou eu mesmo, de acordo com alguns conhecimentos que eu tenho. Não necessariamente, que eu tenha recebido algum tipo de suporte psicológico de psicologia até o momento. Porque eu tenho dois casos que foram encaminhados né nesse ano, que não é o caso do Breno que já tem um diagnóstico fechado né.”

No trecho acima, a professora relata que as ações da psicologia não trouxeram nenhuma contribuição para o desenvolvimento e inclusão de Breno.

“A equipe de psicologia e a outra que trabalhava aqui, esqueci o nome dela, até o momento não fez nada com o Breno! esqueci o nome dela... e nem atenderam o Breno que eu saiba não!”

Para Dazzani (2010), as ações da psicologia vão além de ações no nível individual com a criança, pois perpassam a interdisciplinaridade com os demais educadores. Ainda sobre o modo de execução das tarefas, a autora acrescenta que “pensando assim, as estratégias do psicólogo educacional devem ser concebidas como um dos modos de interpretar a realidade educacional objetiva (social e politicamente objetiva) sem reduzi-la a um fenômeno puramente psicológico” (DAZZANI, 2010, p. 371).

b) Consequências:

b. 1) Contribuições

Durante a entrevista, a professora salienta que tem pouco tempo de secretaria e de contrato na referida escola. Ela destaca que a psicologia até o presente momento não trouxe contribuição para o caso do Breno:

“[...] Acho que não tá acontecendo né, a gente precisaria que isso ganhasse mais força né, e não só da psicologia, como eu te coloquei, mas realmente de todos os envolvidos possíveis [...]”

Dazzani (2010) concebe a escola como um espaço dinâmico e interdisciplinar e como tal destaca que “Há uma convergência e conflitos de saberes dos professores, dos técnicos, dos alunos, dos pais, da comunidade e, (...) de outros profissionais envolvidos”. (DAZZANI, 2010, p. 371).

b.2) Desafios:

A professora apresentou dificuldades em apontar os desafios para a psicologia, já que teve pouco contato com a profissional da psicologia.

“[...] Assim, a gente não está tendo nada, nenhuma interferência! A equipe tá trabalhando e eu tenho um caso que está com ela (psicóloga), mas não é o caso, em que agente tem conversado mais, mais não a respeito de Breno.”

Nesse sentido, infere-se que um dos desafios poderia ser justamente a dificuldade da profissional de psicologia em comunicar o seu papel junto à escola e aos demais profissionais envolvidos no processo educativo, pois a psicologia é uma área do conhecimento que se soma às demais áreas da educação para promover o processo de inclusão, ou seja, em parceria com pedagogia. Trata-se de uma interface.

5.3 Breno

a) Modo de execução das tarefas da psicologia na perspectiva do aluno

Breno apresentou dificuldades para responder as perguntas propostas (anexo). Compreende-se que a referida dificuldade foi devido à dois fatores. O primeiro seria pela própria características da síndrome de down, isto é, acerca da capacidade de compreensão cognitiva. E a segunda estaria relacionada à falta de convivência da pesquisadora com ele, sendo necessário recorrer a mediação da mãe, pois o mesmo apresentava dificuldades com a articulação das palavras, como aparece a seguir:

“P: Breno você consegue fazer para mim um desenho da sua escola? B: Sim, Escola!?”
P: É, a escola como é que é Breno? B: iscola é assim ó: grande, Glandão (gestos com as mãos para mostrar), Um A B C, aqui é começo, mshdgdg (fala não reconhecida). P: Hã é o que Breno? então Breno (silêncio) Janela, Ah! tem janela ooooutro, outra janela, outro, outro. P: Você gosta aqui da escola Breno? B: Sim, eu gosto aqui!! P: E qual a professora que você mais gosta Treezzzzz. P: Eu dei um abraço nela ali na festinha! B: Sei, sei sei. P: Eu gostei! B: umm sabe nada.... deve ,dever, dever (mãe traduz).

Breno também teve dificuldades de responder sobre a psicóloga, demonstrando desconhecer sua presença no contexto:

“P:[...]Você conhece a psicóloga da escola, a Judite? B:É”

“P:E o que vocês fazem juntos então? B: Quê?”

“E o que você faz quando está com ela?”

Não sei (silêncio)

A cerca das dificuldades de compreensão, destaca-se que não foi possível tematizar entrevista de Breno, mesmo com a mediação em alguns momentos da mãe. Assim, abaixo segue uma análise descritiva de modo geral.

b) Consequências:

Breno não trouxe nenhuma contribuição da psicologia sobre o seu desenvolvimento e processo de inclusão. Ele demonstrou total desconhecimento sobre o serviço de psicologia. Quando questionado se lembrava da Judite, o mesmo se esforça para lembrar e em seguida ignora a pergunta e muda de assunto e começa a falar dos coleguinhas com a ajuda mãe.

“[...] Na Fátima (dedinhos esterotipia) outo, outo,”.

Ao realizar as esterotipia, a mãe sorriu e ficou bastante incomodada com o comportamento observado tanto por ela quanto pela pesquisadora. Infere-se que Breno de modo geral, não conhece a psicóloga.

5.4 Psicóloga

a) Modo de execução das tarefas da psicologia na perspectiva da profissional

A psicóloga destaca que na época em que graduou o contexto sociopolítico era minimamente propício à inclusão. Sua formação acadêmica foi pautada no modelo de atuação tradicional da clínica, com experiências na psicometria, logo teve pouco contato com a área educacional nesse período, como destacado abaixo:

“Minha formação acadêmica foi em oitenta e dois! Quando se falava em escola inclusiva? Não havia![...]”

“[...] Não fui para a área da educação! Tive pouca experiência [...], mas fiz estágio na organizacional, Testes! “[...] Bateria de verbal e [...]. Depois, fiz estágio no MEC, olha que interessante![...]”

“[...] Casei, percebi que não dava para ir para clínica, [...] custo muito alto. e eu disse gente eu vou trabalhar![...] Não sei porque [...] fiz a prova para a professor[...]. Trabalhei em sala de aula por nove anos.

As experiências na clínica e no âmbito organizacional contribuíram para que a psicóloga desempenhasse suas atividades de triagem nas escolas, na época em que foi convidada a compor a equipe da SEDF:

“[...] vou te fazer um convite: nós temos carência de profissionais da área da psicologia para compor a equipe de diagnóstico! [...]”

A referida profissional destaca que o contato com a realidade escolar, impulsionou-a retomar os estudos anos depois. A esse assunto, Dazzani (2010) aponta a importância de repensar a formação em psicologia para atender a prática inclusiva. A referida profissional, sensível ao desenvolvimento humano e às demandas escolares, percebeu que poderia atuar para além do diagnóstico e para isso deveria se aperfeiçoar, como aparece abaixo:

“[...] aí me sentia muito angustiada, li Vigostky, Wallon todos eles! Quem vai me ajudar com a realidade da escola atual? Para atender as demandas desse grupo tão complexo de crianças, com essa complexidade toda de seresinhos, olhando para a gente, e aí ?”

“[...] fiz especialização, o tanto que eu gostei!!! Sabe porque assim com um grupo de professores admiráveis!! Gente nova e com muita disposição”.

“[...] semana passada, pegamos um menino numa escola com 14 anos, com uma história de sofrimento, foi alfabetizado aos 14 anos. Estavam cogitando[...] deficiente intelectual e eu disse: pera aí!!! Ele não é! se ele tivesse tido as mesmas oportunidades e estímulos que os outros que tiveram, um percurso tranquilo”.

“[...] o senhor professor precisa se olhar no espelho cada dia de manhã e se perguntar o que eu estou fazendo nessa escola! sabe porque a gente trabalha com crianças independente de qualquer situação que tenha ocorrido!”

A psicóloga demonstra, nos trechos acima, que a atual prática de triagem com o aluno é uma ação mais contextualizada e interacionista, quando comparada às práticas iniciais que ela desenvolvia, pois hoje ela retoma o desenvolvimento humano da criança e reconhece a diversidade que existe na escola. Esse aspecto aparece na fala da participante quando ela refere-se a Breno:

“[...] Na história dele, você ouviu a mãe e a professora não tivemos muito... contato porque no ano, o que foi sinalizado para mim, quando cheguei aqui nessa escola: O Breno já era uma criança incluída, tranquilamente incluída!! Ele hoje tem comportamentos que.... tem queixas”

“[...] As crianças que estão tranquilas a gente acompanha, mas a gente não fica lá, todo dia!”

“[...] Eu tô ouvindo as queixas, assim que ele bate nas crianças [...] na hora do recreio, em alguns momentos ele está tendo comportamentos abruptos e sem fora do controle a gente não sabe o que é”.

“[...] Eu ainda não entrei nesse momento porque está aparecendo agora essa queixa!!

A profissional descreve que de modo geral além das triagens dos alunos, ela acompanha a criança e a mãe, como aparece nesses trechos:

“[...] A gente tem a obrigação de acompanhar! O professor sinaliza! A orientadora sinaliza, como está sinalizando agora! Opa tá acontecendo alguma coisa com nosso Breno. Eu tô escutando as envolvidas. Tem a servidora que observa!”

“[...] Os pais tem um acesso ali na escola e ficam ali parados! tem que ser pensado nisso eu já fiz palestrinha falando de inclusão depois de limites! Elas adoram!!”

Trabalhar com os professores e a família é também uma das atividades da psicologia no contexto escolar, pois as ações são pensadas para atender todos aqueles que estão diretamente ou indiretamente ligados aos alunos, como aponta Dazzani (2010, p.372):

O psicólogo, atuando na escola, deve buscar novas formas de levar em conta os processos de avaliação, deixando de tratar a *queixa escolar* (grifo do autor) como um fato em si mesmo e passando a buscar a compreensão da história escolar como um processo.

Nesse sentido, as ações da psicologia fazem parte de um trabalho maior de parceria, como aparece abaixo:

“[...] Normalmente, eu tô em equipe!! [...] Quando você me pergunta, me faz pensar uma coisa: eu trabalho em equipe. Eu faço questão de manter isso (sorrisos) somos uma equipe especializada de apoio a aprendizagem”.

Para a profissional, as contribuições de seu trabalho são tidas em termos institucional e familiar, pois a família se percebe acolhida e respeitada durante o momento que seus filhos estão na escola.

“[...] A gente (equipe) coloca muitas orientações. [...], mas não é sempre que a gente consegue! Mas alguma coisa, onde eu passo tenho a sensação de ter deixado. Eu sei porque eu recebo feedback da própria direção, da escola sabe, de uma família dizer: “olha aquilo que você me falou foi muito importante”.

b) Consequências

b. 1) Contribuições

A profissional destaca as contribuições da psicologia de modo geral. Ela compreende que seu papel é atuar com os professores e a família e com alunos, em momentos específicos.

A psicóloga se mostra atenta às mudanças de comportamento de Breno e destaca que está previsto, no mapeamento deste ano da equipe, o acompanhamento de Breno e o atendimento de outros casos. Assim, a mesma aponta que a psicologia colabora para a escola ser um espaço de transformação social, isto é um espaço democrático de cidadania.

“[...] A mãe diz assim!! Os meninos provocam ele, dependendo da criança ela vira bode expiatório. Agora o que é que está controlando isso tudo? Aí a psicologia precisa entrar de força! Ele tava tranquilo, mas como a gente tem uma demanda das crianças desse ano!

“[...] A gente tem que fazer um trabalho para a gente dizer: professor esse aluno tem um relatório!! você já leu o relatório? Vamos ler juntos? [...] Olha a história dessa família!!”

Nas falas acima, a psicóloga destaca sua atuação, tendo em vista a análise do contexto e das relações que se estabelecem no contexto escolar. Para isto, ela se refere a práticas investigativas de identificação de situações que geram dificuldades de comportamento ou de aprendizagem para a concretização da escola inclusiva.

b.2) Desafios

“[...] Tem muitos! Antes tínhamos que atender não sei quantas eram muitas! A demanda era muito maior! O pedagogos tem menos escolas porque tem o maior número de pedagogos, tem um pedagogo dentro de cada escola!! O psicólogo itinera por cinco escolas!?”

“[...] Como acontece um pedido especial como vim amanhã falar com os pais! Aí eu me reorganizo e venho aqui, esse é um desafio! É o maior de todos! É muito desgastante tem hora que eu me sinto muito frustrada. Acho que o maior desafio da itinerância!

“[...] você ter vários profissionais trabalhando com você ...na hora de redigir um relatório final, as pessoas tem forma diferente de redigir!”

“[...] olha, esse menino tem um laudo médico. Quase que me trucidaram!!! Quase que eu morri!!!! Quase que avançaram na minha Jugular, como ousas contestar o neurologista e eu disse: gente eu não tô contestando o neurologista, eu tô dizendo o que estou vendo! Como sou eu que vou assinar! Não assino isso! não vou corroborar!”

“[...] Agora imagina aqui sentada no continho do depósito da biblioteca gente eu sinceramente! Então qual é a equipe especializada de apoio??!!!! Que nome né: A equipe especializada é uma equipe importante! Ela não tem espaço, isso para mim é muito simbólico!”

Nos trechos acima, a psicóloga evidencia alguns desafios para a atuação da psicologia na perspectiva da prática inclusiva, dentre eles a necessidade da escola de transformar seus espaços para acolher a equipe especializada e significar outros modos de conceber a inclusão. Sobre esse aspecto, Mantoan (2015) aponta “um deslocamento da visão educacional que se sente ameaçada pela inclusão para uma perspectiva que se abre para os novos saberes, os novos estudantes e as outras formas de ensinar e avaliar a aprendizagem (MANTOAN, 2015, p. 11)”.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos resultados e discussões, pode-se perceber que a contribuição da psicologia para o processo de ensino-aprendizagem de uma criança com síndrome de down, em seu processo de inclusão na escola regular, foi pouco expressiva na percepção da mãe e da professora. Este fato pode estar relacionado às expectativas acerca das funções do psicólogo, no atendimento psicológico individual, e o desconhecimento devido ao pouco contato com a profissional.

A entrevista de Breno não permitiu identificar sua percepção com relação ao trabalho da psicóloga, uma vez que nem conseguiu se lembrar dela.

Na visão da profissional de psicologia, as contribuições da psicologia com a criança acontecem a partir do momento em que ela está disposta a escutar e acolher as novas queixas escolares relatadas pela mãe e professora, pois, até então, a criança era apenas acompanhada pela equipe interdisciplinar, pois era considerada tranquilamente incluída na escola.

Infere-se que tanto a mãe quanto a professora estão percebendo em Breno algumas dificuldades de ordem desenvolvimentista, e que psicologia poderia contribuir para aquisição de novos padrões de comportamento na escola e em casa. Neste sentido, percebe-se que as ações da psicóloga caminham em paralelo ao que preconiza as políticas públicas voltadas para a inclusão. Desta forma, o atendimento individualizado, sugerido pela mãe e professora, deveria ser contemplado pelas atividades da sala de recurso, que é destinado para esse fim.

Um fato relevante é que estava previsto uma entrevista com a professora da sala de recurso, no entanto, na semana de coleta de dados, a direção justificou que não seria possível a entrevista e nem dispor o contato da profissional, uma vez que a mesma tinha se submetido a uma cirurgia e que certamente não voltaria a escola esse ano.

A psicologia no âmbito escolar tem muito mais a contribuir para o desenvolvimento e inclusão da criança, quando trabalha de forma interdisciplinar mediando processos com os professores, alunos, funcionários e demais educadores. Ao atuar de forma macro, a psicologia promove o respeito e a dignidade, pois oferece um espaço importante para a criança aprender e interagir e, desse modo, construir a sua subjetividade.

Desta forma, nota-se que apesar de a psicologia ter um papel de mediadora na escola inclusiva, a participante evidencia em seu relato sobre os desafios, um possível nível de sofrimento nesse contexto. A mesma destaca aspectos importantes como a real necessidade de a escola ampliar seus espaços simbólicos, bem como ampliar seu modo de acolher outros saberes como aponta Mantoan (2015). Desse modo, a temática do sofrimento do pertencer poderá ser fonte de investigação de novas pesquisas nessa área.

Assim, identificou-se que há muitos desafios para a prática inclusiva na escola e para a psicologia escolar. Os maiores desafios da psicologia, na visão da psicóloga, estão ligados à alta frequência de queixas escolares, associado a um número reduzido de profissionais e à modalidade de oferta de serviço da itinerância.

Apesar do alcance dos objetivos propostos, sugerem-se novas investigações sobre a psicologia na escola, a fim de informar e divulgar sobre a complexidade do trabalho interdisciplinar e os desafios da psicologia com as famílias e a escola, evitando práticas segregadoras.

REFERÊNCIAS

ÁVILA, Camila Ferreira de; TACHIBANA, Miriam; VAISBERG, Tânia Maria José Aiello. **Qual é o lugar do aluno com deficiência? O imaginário coletivo de professores sobre a inclusão escolar.** *Paidéia* (Ribeirão Preto), Ribeirão Preto, v. 18, n.39, p. 155-164, 2008. Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em: 10 fev. 2015.

BEYER. H.O. **Educação Inclusiva ou Integração Escolar? Implicações pedagógicas dos conceitos como rupturas paradigmáticas.** Seminário Nacional De Formação De Gestores E Educadores, III, 2006, Brasília. Ensaio pedagógico, educação inclusiva: direito à diversidade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2006, p.146.

BRASIL. Constituição **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Ministério de Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** | Ministério da Educação. Brasília: MEC, 1996.

CANDIDO, Francisca Francineide. **Práticas pedagógicas e inovação na instituição de ensino: uma abordagem psicopedagógica com foco na aprendizagem.** Revista. psicopedagogia. [online]. vol.27, nº.83, p. 262-272, 2010.

CFP. Conselho Federal de Psicologia. **Educação inclusiva: experiências profissionais.** 1ª Edição. Brasília-DF. 2009. Disponível em: http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2009/12/livro_educacaoinclusiva.pdf.

DAZZANI, Maria Virgínia Machado. A psicologia escolar e a educação inclusiva: Uma leitura crítica. *Psicologia. ciência. profissão.* , vol. 30, n.2, p. 362-375, 2010.

FÁVERO, Maria Helena; MELLO, Regina Maria. **Adolescência, maternidade e vida escolar: a difícil conciliação de papéis.** *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, vol. 13, n.1, p. 131-136, 1997.

GOMES, Cláudia de; REY; GONZALEZ, Fernando Luis. **Inclusão escolar: representações compartilhadas de profissionais da educação acerca da inclusão escolar.** *Psicologia. ciência. profissão*, vol.27, nº.3, p.406-417, 2007.

JURDI, Andréa Perosa Saigh de; AMIRALIAN, Maria Lúcia Toledo de Moraes. **A inclusão escolar de alunos com deficiência mental: uma proposta de intervenção do terapeuta ocupacional no cotidiano escolar.** *Estudo psicologia. (Campinas)*, vol.23, n. 2, p. 191-202, 2006.

KELMAN, Celeste Azulay. Sociedade, Educação e Cultura. In: MACIEL, Diva Albuquerque; BARBATO, Silviane. (Orgs.) **Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar**, p. 11-53. Brasília: Editora UnB, 2010.

MAGALHÃES, Rita de Cassia Barbosa Paiva; DIAS, Ana Maria Iório. Identidade e estigma no contexto da escola inclusiva: uma leitura a partir de Erving Goffman. In: **reunião anual da associação nacional de pós-graduação e pesquisa em educação**, Caxambú, MG: ANPED, 2005.

MENDES, Enicéia Gonçalves. **A radicalização do debate sobre inclusão escolar no Brasil**. Revist. Brasileira Educação, vol.11, n.33, p.387-405, 2006.

RIBEIRO, Júlia Cristina Coelho. **Significações na escola inclusiva – um estudo sobre as concepções e práticas de professores envolvidos com a inclusão escolar**. Tese (Doutorado em Psicologia), Universidade de Brasília (UNB), Brasília, 2006.

RORIZ, Ticiano Melo de Sá de; AMORIM, Katia de Souza; ROSSETTI, Maria Clotilde Ferreira. **Inclusão social/escolar de pessoas com necessidades especiais: múltiplas perspectivas e controversas práticas discursivas**. Psicologia., vol.16, nº.3, p.167-194, 2005.

ROLFSEN, Andréia Bevilacqua de; MARTINEZ, Cláudia Maria Simões. **Programa de intervenção para pais de crianças com dificuldades de aprendizagem: um estudo preliminar**. Paidéia, vol.18, n.39, p.175-188, 2008.

SANT'ANA, Izabella Mendes. **Educação inclusiva: concepções de professores e diretores**. Psicologia estudos., vol.10, nº.2, p.227-234, 2005.

SEKKEL, Marie Claire de; ZANELATTO, Raquel; BRANDÃO, Suely de Barros. **Uma questão para a educação inclusiva: expor-se ou resguardar-se?**. Psicologia. ciência. profissão, vol.30, nº.2, p.296-307, 2010.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **A defectologia e o estudo do desenvolvimento e da educação da criança anormal**. Educação e Pesquisa, v. 37, n. 4, p. 863-869, 2011 .

APÊNDICES

- A.** Roteiro de Entrevista Para o Psicólogo da SEDF
- B.** Roteiro de Entrevista Para o professor da sala regular da SEDF
- C.** Roteiro de Entrevista Para o professor da sala de recursos da SEDF
- D.** Roteiro de Entrevista Para o estudante atendido pela SEDF
- E.** Roteiro de Entrevista Para os pais ou responsáveis pelo aluno.



Apêndice A - Roteiro de Entrevista Para o Psicólogo

Perguntas:

- 1- Gostaria que me contasse como a sua formação profissional contribuiu para escola inclusiva.
- 2- Qual a contribuição da psicologia para o processo de ensino e aprendizagem de um estudante com Síndrome de Down em seu processo de inclusão?
- 3- O que você faz aqui na escola junto a essa equipe e esse aluno?
- 4- Como é realizado o trabalho com o estudante, a escola e a família? Quantas vezes por semana você os atende?
- 5- Quais são os desafios para a psicologia na educação inclusiva?

OBS: informações acerca do entrevistado:

Pseudônimo: _____ Idade: _____ Sexo: _____

Tempo na profissão: _____ Tempo de experiência com a educação _____

Tempo de atuação junto à SEDF: _____ Tempo de experiência com a educação
inclusiva: _____ Tempo de experiência compondo a equipe itinerante: _____



Apêndice B - Roteiro de Entrevista Para o professor da sala regular

Perguntas:

- 1- Em sua opinião quais as contribuições da psicologia para a inclusão do aluno com síndrome de down no ambiente escolar?
- 2- Em sua opinião como a psicologia te ajuda na sala de aula para promover a inclusão?
- 3- Você acha que a psicologia está preparada para lidar com a inclusão escolar?

OBS: informações acerca do entrevistado:

Pseudônimo: _____ Idade: _____ Sexo: _____

Tempo na profissão: _____ Tempo de experiência com a educação _____

Tempo de atuação junto à SEDF: _____ Tempo de experiência com a educação inclusiva: _____ Tempo de experiência na escola: _____

Área de formação: _____



Apêndice C - Roteiro de Entrevista Para o professor da sala de recursos

Perguntas:

- 1- Em sua opinião quais as contribuições da psicologia para a inclusão do aluno com síndrome de down no ambiente escolar?
- 2- Em sua opinião, quais as contribuições da psicologia para o seu trabalho como professor da sala de recurso?
- 3- Você acha que a psicologia está preparada para lidar com a inclusão escolar?

OBS: informações acerca do entrevistado:

Pseudônimo _____

Idade: _____ Sexo: _____ Profissão: _____

Tempo na profissão: _____ Tempo de experiência com a educação _____

Tempo de atuação junto à SEDF _____ Tempo de experiência com a educação inclusiva _____ Tempo de experiência compondo a equipe _____

Área de formação: _____



Apêndice D - Roteiro de Entrevista Para o estudante atendido pela SEDF

Perguntas:

I – Vivência no contexto escolar:

- 1- Oi, tudo bem com você? Hoje eu vou acompanhar suas atividades na escola e a gente vai conversando certo! Então me diz aí o que você mais gosta de fazer na escola?
- 2- Com que você gosta de brincar na escola? Por quê?
- 3- Qual a aula que você mais gosta? O que você faz lá que você gosta?
- 4- Fiquei sabendo que aqui na escola tem uma sala legal? O que tem lá na sala? O que você faz lá nessa sala?
- 5- Fiquei sabendo também que você recebe a visita da psicóloga, como que ela te ajuda?
- 6- Qual a contribuição da psicóloga sua inclusão na escola?

OBS: informações acerca do entrevistado:

Pseudônimo: _____ Idade: _____ Sexo: _____ Série: _____ Turno: _____



Apêndice E - Roteiro de Entrevista Para os pais ou responsáveis pelo aluno.

Perguntas:

1. Conte-me sobre a entrada do seu filho na escola?
2. Como você percebe a relação do seu filho com a escola?
3. Você recebeu algum tipo de orientação da equipe que acompanha o seu filho? Em quais momentos?
4. Qual a sua percepção sobre o trabalho realizado pelo psicólogo com o seu filho?
5. Você acha que a psicologia está preparada para lidar com a inclusão escolar?

OBS: informações acerca do entrevistado:

Pseudônimo _____ Idade: _____ Sexo: _____ Profissão: _____
Escolaridade: _____ Outros filhos: _____ Estado Cível _____ Naturalidade _____



ANEXOS:

- A. Carta de Apresentação – Escola (Modelo)**
- B. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-Pais da criança (Modelo)**
- C. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido- profissional de psicologia / professores (Modelo)**
- D. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - Aluno**
- E. Desenho do Breno**



ANEXO A – CARTA DE APRESENTAÇÃO

Da: Universidade de Brasília– UnB/Universidade Aberta do Brasil – UAB

Polo: Alto Paraíso de Goiás - GO

Para: Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal - DF

Carta de Apresentação

Senhor (a), Diretor (a),

Estamos apresentando a V. S^a o(a) cursista pós-graduando(a) **Martaneres Lopes Gondim Silva** que está em processo de realização do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar.

É requisito parcial para a conclusão do curso, a realização de um estudo empírico sobre tema acerca da inclusão no contexto escolar. No caso da referida estudante, o objetivo da pesquisa é identificar as ações que a área de psicologia realiza para promover o processo de ensino aprendizagem de uma criança com síndrome de down nesta escola.

Para tanto, ela utilizara como técnicas metodológicas de pesquisa entrevistas com professores, pais, psicóloga e estudante da escola e observação.

A realização desse trabalho tem como objetivo a formação continuada dos professores e profissionais da educação, subsidiando-os no desenvolvimento de uma prática pedagógica refletida e transformadora, tendo como consequência uma educação inclusiva.

Desde já agradecemos e nos colocamos a disposição de Vossa Senhoria para maiores esclarecimentos no telefone: (061) 3107-6911.

Informamos, ainda, que a Coordenadora Geral do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar é a Prof.^a Dr.^a **Diva Albuquerque Maciel**, do instituto de Psicologia da Universidade de Brasília.

Atenciosamente,

Coordenador(a) do Polo ou Professor(a)-Tutor(a) Presencial



ANEXO B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PROFESSOR/ PSICÓLOGO

Senhor(a) Professor(a),

Sou orientando(a) do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, realizado pelo Instituto de Psicologia por meio da Universidade Aberta do Brasil/Universidade de Brasília (UAB-UnB) e estou realizando um estudo sobre **A prática da psicologia na educação inclusiva: estudo de caso de uma criança com síndrome de Down na rede pública do Distrito Federal-DF**. Assim, gostaria de consultá-lo(a) sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa.

Esclareço que este estudo poderá fornecer às instituições de ensino subsídios para o planejamento de atividades com vistas à promoção de condições favoráveis ao pleno desenvolvimento dos alunos em contextos inclusivos e, ainda, favorecer o processo de formação continuada dos professores nesse contexto de ensino.

A coleta de dados será realizada por meio de entrevista semiestruturada gravada e observações.

Esclareço que a participação no estudo é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você poderá deixar a pesquisa a qualquer momento que desejar e isso não acarretará qualquer prejuízo ou alteração dos serviços disponibilizados pela escola. Asseguro-lhe que sua identificação não será divulgada em hipótese alguma e que os dados obtidos serão mantidos em total sigilo, sendo analisados coletivamente. Os dados provenientes da participação na pesquisa, tais como a gravação da entrevista semiestruturada, ficarão sob a guarda do pesquisador responsável pela pesquisa.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, o(a) senhor(a) poderá me contatar pelo telefone **(61) 99748108** ou no endereço eletrônico **martaneres@yahoo.com.br**. Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o senhor(a).

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente.

Assinatura do Pesquisador

Assinatura do Professor

Nome do Professor: _____

E-mail(opcional): _____



ANEXO C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – PAIS/RESPOSÁVEIS

Senhores Pais ou Responsáveis,

Sou orientando(a) do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, realizado pelo Instituto de Psicologia por meio da Universidade Aberta do Brasil/Universidade de Brasília (UAB-UnB) e estou realizando um estudo sobre **A prática da psicologia na educação inclusiva: estudo de caso de uma criança com síndrome de Down na rede pública do Distrito Federal-DF**. Assim, gostaria de consultá-lo(a) sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa.

A coleta de dados será realizada por meio de entrevista semiestruturada gravada e observações.

Esclareço que a participação no estudo é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você poderá deixar a pesquisa a qualquer momento que desejar e isso não acarretará qualquer prejuízo ou alteração dos serviços disponibilizados pela escola. Asseguro-lhe que sua identificação não será divulgada em hipótese alguma e que os dados obtidos serão mantidos em total sigilo, sendo analisados coletivamente. Os dados provenientes da participação na pesquisa, tais como a gravação da entrevista semiestruturada, ficarão sob a guarda do pesquisador responsável pela pesquisa.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, o(a) senhor(a) poderá me contatar pelo telefone **(61) 99748108** ou no endereço eletrônico **martaneres@yahoo.com.br**. Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o senhor(a).

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente.

 Assinatura do Pesquisador

 Assinatura do Participante Voluntário

Nome do Participante Voluntário: _____
 E-mail(opcional): _____



ANEXO D - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - ALUNO

Senhores Pais ou Responsáveis,

Sou orientando(a) do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, realizado pelo Instituto de Psicologia por meio da Universidade Aberta do Brasil/Universidade de Brasília (UAB-UnB) e estou realizando um estudo sobre **A prática da psicologia na educação inclusiva: estudo de caso de uma criança com síndrome de Down na rede pública do Distrito Federal-DF** assim, gostaria de solicitar sua autorização para que seu(sua) filho(a) participe do referido estudo.

A coleta de dados será realizada por meio de entrevista semiestruturada gravada e observações.

Esclareço que a participação de seu(sua) filho(a) no estudo é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Seu(sua) filho(a) poderá deixar a pesquisa a qualquer momento que desejar e isso não acarretará qualquer prejuízo ou alteração dos serviços disponibilizados pela escola. Asseguro-lhe que a identificação seu(sua) filho(a) não será divulgada em hipótese alguma e que os dados obtidos serão mantidos em total sigilo, sendo analisados coletivamente. Os dados provenientes da participação na pesquisa, tais como a gravação da entrevista semiestruturada, ficarão sob a guarda do pesquisador responsável pela pesquisa.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, o(a) senhor(a) poderá me contatar pelo telefone **(61) 99748108** ou no endereço eletrônico **martaneres@yahoo.com.br** Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o senhor(a).

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente.

 Assinatura do Pesquisador

 Assinatura do Pai/Responsável pelo Aluno

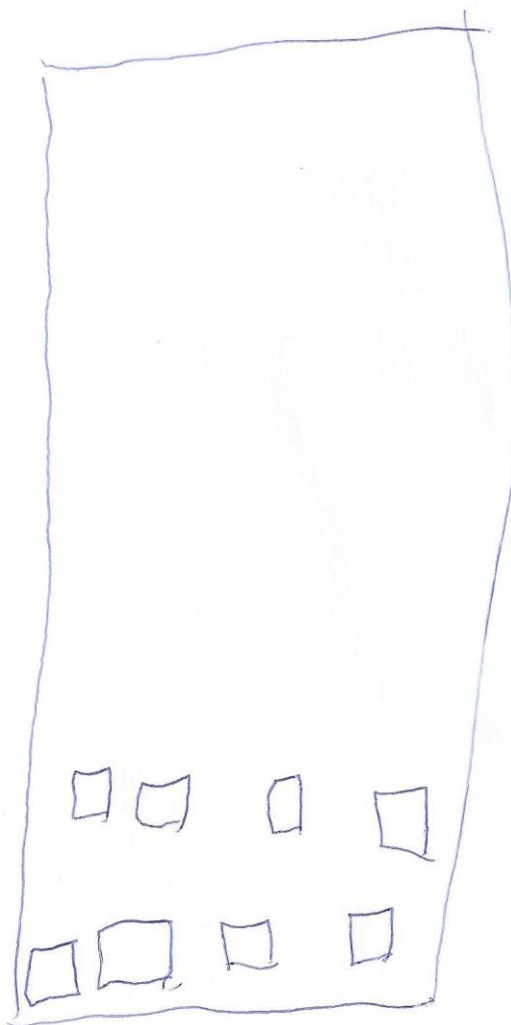
Nome do Pai/Responsável: _____

Nome do Aluno: _____

E-mail(opcional): _____



ANEXO E - DESENHO DE BRENO



Nome: _____ Estado Civil: _____ Nacionalidade: _____
Sexo: _____ Profissão: _____